

## Nos passos de Quintana, uma possível micro-história literária

André Mitidieri  
Universidade Estadual de Santa Cruz

### Resumo

As questões que nos guiam no desenvolvimento da pesquisa têm por objetivo esclarecer que poemas de Mario Quintana, publicados em periódicos anteriormente a seus lançamentos em poemários, retornam ou não às edições em livros. Antes de reunir seus poemas em livro, Quintana contribuiu regularmente com *Ibirapuitan: Mensário de Sociedade, Literatura e Arte*. 15 volumes de *Ibirapuitan* se apresentam como importante manancial de fontes primárias da literatura. Ao procurarmos rastros neles impressos, proporcionando dados pouco conhecidos, podemos revisar uma etapa muitas vezes negligenciada na história editorial do poeta brasileiro. Assim, perseguindo a hipótese de que grande parte dos poemas constantes em seus livros *A rua dos cataventos* (1940) e *Espelho mágico* (1951) antes circularam no periódico em destaque, propomos uma micro-história literária, em contraposição aos moldes das mais difundidas sínteses histórico-literárias que, no Brasil, não perdem o vigor editorial. Para tanto, divisamos perspectivas de diálogo entre a historiografia literária, por um lado, e os campos da cultura, da história, da historiografia, por outro lado. A partir do processamento dos dados da pesquisa com fontes primárias, efetivamos consultas a outras edições e fontes, indicadas nos momentos oportunos, a fim de incrementar análises ao conjunto de fontes elencadas para estudo, as quais igualmente depõem sobre a biobibliografia de Mario Quintana e permitem revisá-la. O material consultado permite-nos contar uma história e compor um escrito histórico-literário cujos princípios metodológicos se fundamentam na “micro-história” italiana, especialmente nas considerações de Carlo Ginzburg.

**Palavras chave:** Mario Quintana — Micro-história literária — Poesia brasileira — Revista *Ibirapuitan*.

### Following Quintana's Steps: A Possible Literary Micro-History

#### Abstract

The development of the present research is guided by the objectives of locating which Mario Quintana's poems, published in journals prior to his books of poetry, returned or not to the issues in books. Before organizing his books, Quintana has contributed regularly with *Ibirapuitan*, a monthly magazine of Society, Literature and Art. So, 15 volumes of *Ibirapuitan* are presented as an important primary source of Brazilian literature. By pursuing traces printed on them, providing other data, scarcely known, it is possible to review an often overlooked step in the publishing history of the poet. Having thus as a main hypothesis the former edition on that magazine of most of the poems edited in his books *A rua dos cataventos* (1940) and *Espelho mágico* (1951), we propose a literary micro-history, as opposed to more widespread patterns of historical and literary synthesis that, in Brazil, still are edited and much used in schools and universities. To do so, a dialogue is proposed between literary historiography and the fields of culture, history, and historiography. Based on the processing of primary sources research data, some queries are forwarded to other issues and research sources, as indicated with the aim to increase the existing analysis about the listed sources, which also contribute to clarify and review Mario Quintana's “biobibliography”. The materials enable us to tell a story and compose a written literary micro-history, with methodological principles based on the Italian “micro-history”, especially in the considerations of Carlo Ginzburg.

**Key words:** Mario Quintana — Literary Micro-history — Brazilian poetry — *Ibirapuitan* (literary magazine).

Receção: 02-10-2011 | Admissão: 21-01-2012 | Publicação: 30-11-2012

MITIDIERI, André: “Nos passos de Quintana. Uma possível micro-história literária”. *Agália. Revista de Estudos na Cultura*. 103 (2011): 121-147.

## 1. Micro-história e história literária

Entre os anos de 1938 e 1939, antes, portanto, de suas edições em livro, Mario Quintana contribuiu regularmente com *Ibirapuitan: Mensário de Sociedade, Literatura e Arte*. Reunidos para estudo, 15 volumes do periódico se apresentam como importante manancial de fontes primárias da literatura<sup>1</sup>, ao proporcionarem dados pouco conhecidos, senão desconhecidos, acerca da história literária nacional, rasurada a partir da trajetória individual do editorial do poeta brasileiro. Consultas a outros subsídios, indicados nos momentos oportunos, incrementam análises a esse conjunto que, entretanto, não tem em mira a poética quintanesca, e sim, as edições em periódicos que permitem recompor sua história editorial.

A mudança de perspectiva ora proposta, do mesmo modo que o processo de condução ao reconhecimento de autoria em poemas inéditos de Quintana ou em versões desconhecidas de outros textos de sua lavra, por si já constituem a justificativa do presente trabalho. Nele, buscamos contar um enredo e compor um escrito histórico-literário cujos princípios metodológicos se fundamentam na “micro-história” italiana<sup>2</sup>, especialmente, nas considerações de Carlo Ginzburg. O historiador de Turim resume a micro-história pela capacidade de transformar pistas fragmentárias e distorcidas em elementos narrativos. Embora pareçam nada revelar à primeira vista, pequenos detalhes se tornam bastante significativos à investigação micro-histórica, o que não equivale a abrir mão daqueles elementos cuja importância já tenha sido detectada em outros tipos de abordagem. A es-

---

<sup>1</sup> “As fontes não se limitam ao (nem se confundem com) registro escrito, mas dependem desse para se darem a conhecer. O reconhecimento de sua importância, por sua vez, advém da história humana que se constrói a partir dessas manifestações primárias. Dito de outra maneira, fontes podem ser primárias se se estabelecer, a partir delas, uma história, caso o começo que demarcam obtenha algum impacto. Fontes podem ser chamadas de primárias se, depois delas, se constatarem as secundárias e outras” (Zilberman, 2004: 21).

<sup>2</sup> A micro-história estabeleceu-se na Itália ao final dos anos de 1960, representando-se por Carlo Ginzburg, Giovanni Levi e Simona Cerutti, dentre outros historiadores. Sua metodologia caracteriza-se por intercambiar experiências com as ciências sociais, pelo diálogo com demais áreas do conhecimento, pela redução da escala observável e pelo estudo intensivo do documento (cf. Levi, 1992: 133-162).

colha do material e a seleção dos fatos a narrar consideram o papel diversas vezes negligenciado das minúcias, dos caracteres anômalos, daí “supor como potencialmente mais rica a documentação mais improvável” (Ginzburg, 2007: 277).

Tais questões amparam-se ou, de alguma forma, se relacionam com a noção de “rastro”, especialmente definida nas seguintes obras historiográficas de Ginzburg: *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história* (1989), *Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância* (2001), *Relações de força: história, retórica, prova* (2002), *Nenhuma ilha é uma ilha: quatro visões da literatura inglesa* (2004) e *O fio e os rastros* (2007). Integrando o primeiro desses livros, o capítulo “Sinais: raízes de um paradigma indiciário” (Ginzburg, 1989: 143-179) destaca-se como trabalho basilar aos métodos adotados pelos micro-historiadores (cf. Vainfas, 2002: 109).

No artigo citado, Ginzburg explica como procedia o crítico de arte Giovanni Morelli para estabelecer diferenças entre pinturas originais e suas reproduções, atendo-se a sinais normalmente considerados insignificantes, em vez de analisar os traços marcantes do pintor ou da escola artística. O método se contrapunha ao pensamento comum que sugeria observar características de maior vulto, por isso, de mais fácil imitação. Edward Wind estabeleceu que “qualquer museu de arte estudado por Morelli adquire imediatamente o aspecto de um museu criminal. Essa comparação foi brilhantemente desenvolvida por Castelnovo, que aproximou o método indiciário de Morelli ao que era atribuído, quase nos mesmos anos, a Sherlock Holmes pelo seu criador, Arthur Conan Doyle” (Ginzburg, 1989: 145).

A analogia entre o *expert* em arte e o detetive que, no desvendamento de um crime, necessita seguir pistas imperceptíveis para o grande público, atinge igualmente Sigmund Freud. O nexos entre os signos pictóricos de Morelli, os sintomas de Freud e os indícios de Conan Doyle residiria no mesmo cuidado que eles dispensavam a pequenos índices, a fim de chegarem a descobertas importantes e desvendarem uma face do mundo observável, a qual pode não ser avaliada satisfatoriamente porque, em geral, não se faz perceber.

Baseados no padrão da semiótica médica, capaz de localizar enfermidades decifrando sintomas que passariam em branco para a maioria das pessoas, tais saberes indiciários orientam as futuras pesquisas do historiador italiano. Assinaladas pelo exame cuidadoso dos pequenos detalhes, suas investigações trazem à tona circunstâncias, conexões, fatos, situações, etc. antes encobertos, não vistos ou analisados de maneira imprópria. Trata-se de “reconduzir ao conhecimento histórico não mais fenômenos aparentemente atemporais, mas fenômenos aparentemente negligenciáveis” (Ginzburg, 1989: 10).

Para tanto, seria “indispensável recorrer a instrumentos de observação e escalas de investigação diferentes dos usuais” (Ginzburg, 1989: 10). Análises de tipo microscópico e pormenores observados de perto então se somam com “as referências implícitas a textos literários e as reações do público” (Ginzburg, 1989: 12). Assim, *Passagem-Werk* (Ginzburg, 2001: 217),

grande obra inacabada de Benjamin sobre a Paris do Oitocentos, inclui várias citações do Mikrokosmos de Lotze, um livro muito popular no fim do século XIX. Lotze desempenhou um papel importante, embora por muito tempo desdenhado, no pensamento de Benjamin. Um dos temas fundamentais das Teses sobre o conceito de história de Benjamin, o convite a “escovar a história a contrapelo”, retomava as concepções de Lotze sobre a redenção do passado, desenvolvendo-se no âmbito de uma perspectiva inspirada tanto no judaísmo como no materialismo histórico.

O pesquisador italiano retoma esse impulso para salvar o passado, inscrevendo-o no presente de outro texto que produz e no futuro de suas possíveis leituras, ao mesmo tempo em que o associa ao pretérito da obra proustiana, não por acaso, uma outra referência de Benjamin: “Ler a realidade às avessas, partindo de sua opacidade, para não permanecer prisioneiro dos esquemas da inteligência: essa idéia, cara a Proust, parece-me exprimir um ideal de pesquisa que inspirou também estas páginas” (Ginzburg, 2004: 11). O mesmo chamamento ressurgue na afirmação de que ler os “testemunhos históricos a contrapelo, como Walter Benjamin sugere,

contra as intenções de quem os produziu — embora, naturalmente, deva-se levar em conta essas intenções — significa supor que todo texto inclui elementos incontrolados” (Ginzburg, 2007: 11).

Reiterando que os espaços marginais devem ser levados em conta pelos estudos históricos, Ginzburg (2002) se opõe ao pensamento de que os modelos narrativos possam causar interferências somente na finalização dos trabalhos historiográficos, a fim de organizar o material coletado: “busco mostrar que, pelo contrário, eles agem durante todas as etapas da pesquisa, criando interdições e possibilidades” (Ginzburg, 2002: 44). O historiador ainda convoca uma observação de seu colega francês Lucien Febvre: “as fontes históricas não falam sozinhas, mas só se interrogadas de maneira apropriada” (Ginzburg, 2002: 114).

A pavimentação desse percurso teórico-metodológico (cf. Ginzburg, 2007: 9-10) muito deve ao livro de Marc Bloch, editado postumamente por Febvre em 1949: *Apologia da história, ou O ofício de historiador*. Em seus manuscritos, o autor inferia que rastros do passado contribuem para desvendar, embora nunca totalmente, o fenômeno constituído pela existência do ser humano em distintas sociedades, ao longo do tempo (Bloch, 2001: 54):

Mais que o singular, favorável à abstração, o plural, que é o modo gramatical da relatividade, convém a uma ciência da diversidade. Por trás dos grandes vestígios sensíveis da paisagem, [os artefatos ou as máquinas], por trás dos escritos aparentemente mais insípidos e as instituições aparentemente mais desligadas daqueles que as criaram, são os homens que a história quer capturar. Quem não conseguir isso será apenas, no máximo, um serviçal da erudição. Já o bom historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está a sua caça.

Paul Ricoeur (1994) também segue os passos de Marc Bloch<sup>3</sup> para sugerir que rastros são impressos pelos seres humanos e suas coisas, fazendo-se no-

---

<sup>3</sup> Para tanto, cita a p. 56 da obra *Le plaidoyer pour l'histoire*, de Bloch: “Que entendemos por documentos, senão um rastro, ou seja, a marca perceptível aos sentidos que deixou um fenômeno em si mesmo impossível de captar?” (Ricoeur, 1994: 215).

tar tanto em monumentos quanto em documentos<sup>4</sup>. Como se deslocam do historial para o intratemporal, tais vestígios só podem ser remontados na esfera de um tempo histórico híbrido, originário dos fragmentos do tempo estelar e do tempo vulgar. O rastro consiste no recobrimento entre o existencial e o empírico; significa sem fazer aparecer, indicando sempre uma passagem, mas não uma presença possível, cabendo ao pesquisador “farejar” os indicativos para os quais sinaliza<sup>5</sup>.

O conceito de rastro, segundo apresentado, contribui ao presente trabalho de história literária, trazida à consideração como alternativa a formas usuais de abordar a literatura brasileira (Franchetti, 2002: 253-254):

Do ponto de vista dos conteúdos, história literária na escola brasileira (tanto na superior quanto na média) é basicamente estudo de “estilos de época” e/ou de história social, segundo as grandes sínteses históricas dos anos de 1950 a 1970. Aqui, para não haver injustiça, é necessário um duplo movimento. Por um lado, é preciso destacar o fato de que as grandes obras de história literária não podem ser responsabilizadas pela má aplicação que delas se faz, e muito menos pela miséria geral do ensino médio no que toca às humanidades; por outro lado, é certo que a sua banalização escolar permite evidenciar facilmente concepções de literatura e história literária que hoje podem parecer desinteressantes ou insustentáveis.

Antoine Compagnon (2006: 24; itálicos no original) distingue os padrões “da *história da literatura* e da *história literária* (a síntese versus a análise, o

---

<sup>4</sup> É discutida a idéia de Le Goff (2003: 525-541), tributária de Foucault, em *Arqueologia do saber*: “monumentos são heranças do passado, perpetuam a recordação e têm intenção edificativa. Documentos partem da escolha do historiador e se afirmam essencialmente como testemunho escrito. A história transforma documentos em monumentos, apresentando uma massa de elementos que necessitam ser postos em um conjunto”.

<sup>5</sup> Embora Freud tivesse operado com o rastro [*spur*] em trabalhos acerca do mecanismo psíquico e da memória (cf. Nascimento, 2001: 170-174) e Jacques Derrida (2002) desenvolva essa noção em *A escritura e a diferença*, devido ao recorte temático aqui estabelecido, optamos por entender o conceito de rastro no percurso de Bloch a Ginzburg e Ricoeur.

quadro da literatura em oposição à disciplina filológica, como o manual de Lanson, *Histoire de la Littérature Française*, de 1895, frente à *Revue d'Histoire Litteraire de la France*, fundada em 1894). Em histórias da literatura ou histórias literárias, seja nos compêndios de Coutinho (2001), Alfredo Bosi (1999) ou Néelson Werneck Sodré (2002), seja em manuais didáticos de língua e literatura, os princípios das mais difundidas sínteses histórico-literárias que contemplam o “modernismo” brasileiro não perdem vigor.

Do contrário, tais modelos alcançam incessantes reproduções, estendendo sua ineficácia ao ensino ministrado nas escolas e até mesmo em algumas universidades. Mais empenhada em distinguir seus métodos daqueles utilizados pelos estudiosos de cultura, literatura comparada e/ou teoria literária, do que em acompanhar suas discussões e propostas, grande parte da história da literatura brasileira contemporânea não consegue se desprender de uma orientação ultradisciplinar. Desse modo, nem acrescenta novidades ao cânone nacional nem se mostra apta a revisar perspectivas que limitam o entendimento do fenômeno literário em nosso país ou a rasurar incorreções que se reiteram com freqüência.

A obra de Mario Quintana, por exemplo, revela-se bastante incompleta no *best-seller* de Alfredo Bosi (1999: 463): “poeta que encontrou fórmulas felizes de humor sem sair do clima neo-simbolista, que condicionara a sua formação (*A rua dos cata-ventos*, 1940; *Canções*, 1946; *Sapato florido*, 1948; *O aprendiz de feiticeiro*, 1950; *Apontamentos de história sobrenatural*, 1976)”. Afrânio Coutinho (2001: 192-193) repete o conteúdo dessa breve nota, mas sem elencar o último livro aí mencionado. No entanto, acrescenta como novas informações as coletâneas *Poesias* (Quintana, 1962) e *Antologia poética* (Quintana, 1966), às quais segue um conciso exercício de crítica literária, que ocupa o espaço de uma página. Já Néelson Werneck Sodré (2002) não contempla o autor de *Espelho mágico* (Quintana, 1951).

Dados de ordem histórico-literária referentes ao escritor sul-rio-grandense parecem mais corretos em livros de cunho biográfico ou crítico (Becker, 1996; Bordini, 2006; Castro, 1985; Vassalo, 2005; Zilberman, 1982), que aqui são lidos a contrapelo de suas intenções, como sugere

Ginzburg com Benjamin. Se o historiador italiano adverte quanto ao fato de um só testemunho ser insuficiente à investigação histórica, tais publicações ainda se dispõem junto a um libreto de teor biobibliográfico (IEL, 2006) na micro-história literária ora proposta, a fim de confirmar ou não alguns depoimentos, entrevistas, fatos, testemunhos etc. Os trabalhos podem discordar entre si, exigindo novas investigações que os confrontem.

Dessa forma, eles dão ciência de textos sob autoria de Quintana dos quais, entretanto, não há registros sólidos, ou seja, vestígios físicos de suas ocorrências nos veículos informados e tempos referidos, a saber: 1) contribuições ao periódico *Hylloea*, do Colégio Militar de Porto Alegre, possivelmente, entre 1919 e 1924; 2) o soneto “Maria”, editado num jornal alegretense, em 1923 ou 1924; 3) o conto “A sétima personagem” (*Diário de Notícias* de Porto Alegre, 1926); 4) o poema “Manhã”, veiculado na revista *Para Todos*, em 1926 ou 1927; 5) composições enviadas por Cecília Meireles ao magazine carioca *Terra do Sol* durante a mesma década; 6) trabalhos que teriam circulado no *Almanaque do Globo*, *Correio do Povo* e *Revista do Globo* (1929-1930); 7) “Canção do meio do mundo”, a figurar no *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro, provavelmente, nesse decênio.

Conformando uma história editorial lacunar, os testemunhos acerca de tais escritos indiciam suas presenças na história e na memória; revestem-se de significados a esta pesquisa, mas nela não aparecem como materialidade. Os dados então fornecidos apontam os primeiros passos do “poeta caminhante” nas vias da escrita literária, entre o começo dos anos 20 e o final dos anos 30. A reunião dos textos citados, talvez existentes em algum lugar e mesmo que bastante dispersos, poderá constituir objetivos de frutíferas, embora difíceis, investigações de cunho histórico-literário.

As lacunas decorrentes do momentâneo desconhecimento de fontes materiais, a serem inquiridas de modo apropriado e em outras oportunidades, levam-nos a reduzir ainda mais a escala de observação deste projeto de micro-história literária. Assim, precisamos centrá-lo no espaço das publicações efetuadas pelo poeta sul-rio-grandense em 15 volumes da revista *Ibirapuitan* (oito de 1938 e sete de 1939). O tempo a ser analisado, contudo, não se restringe a esses dois anos, uma

vez que muitos textos editados em tal período seriam depois reunidos nas obras literárias *A rua dos cataventos* (Quintana, 1940) e *Espelho mágico* (Quintana, 1951).

Dentre os estudiosos referidos anteriormente, Regina Zilberman (1982: 18) e Néa Castro (1985) foram as primeiras que noticiaram a presença de “quintanares”<sup>6</sup> no magazine *Ibirapuitan*. A partir desses pequenos indícios, procuramos a revista durante todo o ano de 2005, deparando-nos em Alegrete (RS) com apenas três de seus números, pertencentes à biblioteca particular do senhor Hélio Irajá Ricciardi dos Santos. Não encontramos outros exemplares do periódico nem no Acervo Literário Mario Quintana (ALMAQ) nem nas mais importantes bibliotecas do Estado, tampouco no Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa, de Porto Alegre ou na Fundação Casa de Rui Barbosa, situada no Rio de Janeiro.

A busca ia parecendo inútil, mas o último local a ser consultado não decepcionou. A Fundação Biblioteca Nacional possui quase toda a coleção de *Ibirapuitan*, faltando-lhe somente o primeiro volume/número. Um vez fotografadas todas as páginas dos volumes que contêm as publicações em vista, deciframos e digitamos os textos nelas contidos, ordenando-os para analisá-los à medida do possível. Se Ginzburg afirma que uma pesquisa se faz de impedimentos e possibilidades, vamos tentando salvar o material de um possível desaparecimento, pois os exemplares então disponibilizados para consulta local não revelavam condições de sobrevivência por muito tempo; alguns já se deterioravam ao primeiro toque.

## **2. Micro-história literária desde a revista *Ibirapuitan***

O periódico *Ibirapuitan*, fundado em Alegrete (RS) no ano de 1938 pelo cronista Felisberto Soares Coelho, vulgo “Fidêncio Caigoaté”, e sob a gerência do tipógrafo Emílio Lopes, congregava intelectuais de várias profissões e orientações ideológicas ou estilísticas, como o escritor regionalista Juca Ruivo; o poeta e militar piauiense Dionísio Villarinho; os poetas co-

---

<sup>6</sup> Quintana referiu-se a seus poemas como “quintanares” no livro *Canções* (1946).

munistas Ênio de Guimarães Campos, Laci Osório e Lila Ripoll; o prosador e lírico parnasiano Hernani Schmitt; ou o sonetista e delegado de polícia Antonio Brasil Milano. Ao perseguirmos rastros impressos no referido magazine, podemos conhecer e revisar uma etapa muitas vezes negligenciada na história editorial de Mario Quintana.

Nesse sentido, *A rua dos cataventos* (Quintana, 1940) indicava o local e a data em que a obra literária estaria pronta para edição: “Alegrete, Natal de 1938”. Sete dos 35 sonetos aí constantes, por terem circulado anteriormente na revista alegretense, auxiliam a comprovar a prévia organização do livro, conforme aponta Mario Quintana em seu paratexto<sup>7</sup>. O primeiro número de *Ibirapuitan*, de janeiro de 1938, divulgou um poema que viria integrar aquele poemário como “Soneto VIII” (cf. Castro, 1985: 61).

Importa observar que o número III do periódico alegretense, de março de 1938, trazia numerada, como os sonetos de Quintana, a “Crônica XXII” de Manoel del Rio (1938: 4), a seguir, transcrita:

O Mário — boêmio a Murgër e algo satanista a Baudelaire, desdenhoso e magnífico como Chateaubriand [...] nem ligava, e, supremo desprezo, estava com a cabeça bem raspadinha.

Eu vi que as meninas estavam com vontade de dar uns cascudos na cabeça dele. E eu ajudava. E dava a valer, com os nós dos dedos em ângulo bem pontudo. E ele bem que merecia...

Para não haver confusão eu digo o nome todo dele. Mário de Miranda Quintana. Sim, porque alguém pode pensar que se trata do Mário Suárez, se bem que este até agora é almofadinha... mas só nos dias feriados, e sempre usou pastinhas.

Ainda nesse número de *Ibirapuitan*, circulou o “Soneto XXII”, o qual conservaria essa numeração como título n’*A rua dos cataventos* (Quintana, 1940: 63-65). Isso também ocorreria com o “Soneto VII” (*Ibidem*: 31-33)

---

<sup>7</sup> Da pesquisa sobre os vínculos entre *A rua dos cataventos* e *Ibirapuitan*, cujos resultados já encontram publicação, é que extraio, não sem revisar, alguns dados constantes no presente trabalho (cf. Mitidieri-Pereira, 2006).

que figurou nos números IV e V do periódico, lançados em volume único, mas equivalentes aos meses de abril e maio de 1938. Aliadas à manutenção de seus títulos, as pequenas alterações verificadas no trânsito de tais sonetos ao primeiro livro sob autoria de Mario Quintana sinalizam a um estágio de finalização dos poemas.

Tal indício parece confirmar-se no volume seguinte da revista que, igualmente bimensal, agregava os números VI-VII, de junho e julho do mesmo ano. Em uma de suas páginas cuja numeração não pôde ser identificada (Coelho, VI-VII, 1938), consta o “Soneto II”, acompanhado da seguinte observação: “*DA RUA DOS CATAVENTOS*”. Ao nos depararmos com tal vestígio na primeira etapa da pesquisa, ou seja, de coleta do material, caso já não tivéssemos a informação (cf. Castro, 1985; Zilberman, 1982) de que o magazine opera como um repositório de fontes primárias às edições iniciais de Quintana, teríamos uma razão de peso para não abandonar a investigação e seguir em frente.

Se os leitores de 1938 poderiam ficar intrigados ou surpresos com o significado da nota justaposta ao poema, o leitor deste trabalho está sabendo do que se trata e, assim, a narração atual precisa levar em conta seu conhecimento prévio e suas expectativas de leitura. Dessa forma, os modelos narrativos assumidos durante a redação do escrito histórico e da história a contar têm mesmo influenciado o trabalho, em todas as suas fases, confirmando o pensamento do historiador italiano Carlo Ginzburg. Assim também, a notícia veiculada nos números VIII e IX de *Ibirapuitan*, em seu tempo, destinada a informar sobre aquele momento, então presente, viria hoje a interessar como fonte à história imediata, da cultura, das mentalidades, da sociedade, etc.

No entanto, quando incluída na micro-história literária que propomos, a matéria tem algo a dizer sobre a recepção da obra quintanesca no centro do país e a vida literária durante a época em foco (Coelho, VIII-IX, 1938: 9):

Duas revistas cariocas, “Pan” e “O Malho”, transcreveram páginas de IBIRAPUITAN.

“O Malho”, em um de seus números de fevereiro, o soneto VII, do po-

eta Mário Quintana; “Pan”, em seu número de 27 de agosto, o artigo “Danças do Folclore Internacional”, do prof. Hugo Muxfeldt, catedrático de nossa Escola Complementar.

Assim, vai IBIRAPUITAN vencendo galhardamente, mercê do seu luzido corpo de colaboradores, pois, certamente, outras colegas irão colhendo e divulgando algumas das pérolas que oferece, dadivosamente, às letras nacionais.

Só não compreendemos por que os brilhantes colegas não mencionaram a farta messe de onde carreamos tão saborosos pomos.

Será por ser IBIRAPUITAN editada em uma cidade relativamente pequena?

Talvez...

... Se-bem que Alegrete, embora pequena em prédios e modesta em população, albergue dentro de seus muros uma escola complementar, um colégio-elementar (ambos estabelecimentos estaduais), um ginásio municipal, duas escolas particulares, quatro grupos escolares e três escolas isoladas municipais, um jornal diário (o mais antigo do Estado, já no seu 56º ano), uma revista ilustrada mensal, um periódico em inglês e francês, e dois jornais escolares mensais. Na campanha conta cerca de quarenta educandários, entre estaduais e municipais, afora os particulares.

Quanto ao mais: — possui rede de águas e esgotos, luz elétrica, cinemas, associações de clube (Associação Comercial, Associação Rural, Associação dos Empregados no Comércio, Sociedades Operárias, Sindicatos, Associações de Professores...), charqueadas, é sede de comarca, de município e de polícia judiciária, de uma divisão e uma brigada de cavalaria do Exército Nacional, de delegacia de saúde, aquartela um regimento de Cavalaria, além das repartições federais, estaduais e municipais, entre as quais um posto aerológico da União.

Pra que mais?

O resto se subentende.

No âmbito das relações da literatura com os leitores e a sociedade, torna-se significativo que Mario Quintana, ao lado de Juca Ruivo e Hernani Schmitt, passassem a constar como os redatores de *Ibirapuitan* no editorial do volume que abrigou seus números X e XI, de outubro e novembro de 1938. Da mesma forma, que alguém ocultado sob o pseudônimo “Sensitiva Sentimental”, dedicasse ao sonetista o quarteto “Simpatia” (*apud* Coelho, X-XI, 1938: 3):

*ASSIM COMO ESTRELAS BRILHAM NO CÉU,  
A AMIZADE QUE ESTE DEDICA E LEVA,  
BRILHA, COM REFLEXOS DE LUNÁRIO,  
NESTE CORAÇÃO QUE TE AMA, Ó MALEVA.*

Já no volume XII de *Ibirapuitan* (dezembro de 1938), em que o magazine reassumia periodicidade mensal, Quintana veio a oferecer outra mostra de suas atividades intelectuais. Desde a tradução feita para a Globo em 1934, do livro *Palavras e sangue*, de Giovanni Pappini, o poeta vinha atuando como tradutor. A fábula “Os dois gatos”, do escritor francês Florian, dá uma mostra de seu trabalho nesse campo (*apud* Coelho, XII, 1938: s/p)<sup>8</sup>:

#### OS DOIS GATOS

Um fábula de Florian, traduzida por MARIO QUINTANA

Dois bichanos,  
Nascidos ambos sob o mesmo teto,  
Eram, como sucede às vezes entre manos,  
Diferentes de humor, como de aspecto.  
O mais velho dos dois, um branco, dava gosto  
Olhá-lo. Dir-se-ia um cônego em arminho,  
Tão rechonchudo era, e liso, e bem disposto.

---

<sup>8</sup> O estado de conservação dos materiais não permite, neste caso, como noutros posteriores, identificar o número de página.

Olhar todo carinho,  
E além do mais, dado à preguiça e à gula.  
Quanto ao caçula...  
Ora! Vede  
Se tinha compostura aquilo... Um verdadeiro  
Gato pingado!  
Negro, desse negror de poço em noite escura,  
Sobre a espinha recurva ao feitio de uma rede,  
Não tinha mais que a pele, o desgraçado.  
No entretanto, passava a noite, o dia inteiro,  
A correr, do porão à água furtada,  
Na tenaz procura  
De possível caça  
Apesar disto... nada!  
Sempre chupado como um gato em passa...  
Lá um dia, diz ele a seu irmão:  
“Eu, sempre no serviço,  
E tu, sempre no sono,  
O’ sorte desigual!  
Por que motivo então  
Nos trata o nosso dono  
A ti, tão bem, e a mim tão mal?  
Não, francamente, eu não compreendo isso...”  
“Mas é claro!  
Só deus sabe a existencia que tu passas...  
E todo esse trabalho cansativo e longo  
Para afinal, de raro em raro,  
Comer, tristonhamente, um triste camundongo!...”  
‘Pois não é meu dever?’  
“Seja! Mas eu, meu caro,  
Eu estou sempre ao lado do patrão.  
Divirto-o com minhas graças,  
Esfrego o pelo em suas calças

E ronrono e me enrosco e me contorço...  
E assim, sem maior esforço,  
Vou ganhando um vidão regalado e tranquilo.  
Carícias falsas  
E maneiras fúteis,  
Isso agrada ao patrão... Mas tu, para teu mal,  
Só o que sabes é servi-lo!  
Olha, para vencer na vida, o essencial  
É fazermo-nos hábeis, e não úteis”.

Por sua vez, o soneto “Lunar”, constante nos números X e XI, dos meses de outubro e novembro de 1938 da revista *Ibirapuitan*, ressurge sob o número “XIII” n’*A rua dos cataventos* (Quintana, 1940: 55-57). A primeira edição do ano II da revista (1939) abria-se com o poema intitulado “Programa para uma tarde nevoenta”, o qual figura como o soneto “XXXIII” da mesma antologia (*Ibidem*: 135-137). Um número considerável de mudanças entre as diferentes apresentações dessa composição no periódico e no volume de poemas, fato não ocorrido nos demais textos examinados, indica que o último pudesse não estar realmente pronto para edição, contrariando o que declara o autor em sua parte inicial, como visto, sobre a finalização do livro no natal de 1938.

O paratexto da obra literária, ao funcionar como registro histórico dum tempo e dum lugar, ou testemunho autenticado de uma história editorial, faz-nos concordar outra vez com Ginzburg quando infere que os testemunhos devem ser lidos a contrapelo de quem os tenha produzido. Foram o estudo intensivo do documento e uma atenção redobrada aos pequenos vestígios que nos conduziram a tal descoberta, permitindo a transformação das pistas fragmentárias em elemento narrativo. Essas atitudes, fundamentais ao trabalho de um micro-historiador, compõem o trajeto da presente micro-história literária, a qual passa a deter-se no trânsito entre *Ibirapuitan* e *Espelho mágico*, publicado em 1951.

A folha de rosto desse livro, destacando a data de 1945, evidencia o momento de sua conclusão, porém, as edições de 1939 da revista haviam

divulgado grande parte dos 111 quartetos epigramáticos que o integrariam. O periódico registra 82 quartetos editados pelo poeta em suas páginas. 65 desses poemas, boa parte, mostrando alterações, encontrariam publicação no livro enquanto 17 não teriam a mesma sorte<sup>9</sup>. Complementamos, então, o trabalho de Gilda Bittencourt (2006) que encontra 67 quartetos no magazine, assim como nota a presença de 18 deles e modificações em três outros, quando editados no livro. Índícios antes não vistos talvez se façam perceptíveis neste estudo devido ao uso do computador e à digitalização do material, comprovando que toda pesquisa opera sobre interdições e possibilidades<sup>10</sup>.

A investigação direta sobre documentos convertidos em monumento torna possível afirmar que, iniciada no número II de *Ibirapuitan*, referente a fevereiro de 1939, a seção onde Quintana divulgava seu poemas, “De Rebus Pluribus”, teve prosseguimento nos volumes III, IV-V e VI, referentes a março, abril-maio e junho. O número II da revista, de fevereiro de 1939, publicou artigo veiculado pelo *Correio do Sul* de Bagé, a destacar: “Monteiro Lobato, a mais alta expressão da literatura nacional, referindo-se à ‘Ibirapuitan’, teve palavras de franco louvor ao apreciá-la através de significativa carta ao seu diretor” (Coelho, II, 1939: s/p). Por seu turno, o volume relativo aos números IV-V, de abril e maio de 1939, anunciava em seu expediente (Coelho, IV-V, 1939: s/p):

---

<sup>9</sup> Os poemas que circularam nas edições de *Ibirapuitan* nº sete (julho de 1939) e oito-nove (agosto-setembro de 1939), quando comparados a suas futuras versões no livro, demonstram incremento nas modificações realizadas e, por igual, na quantidade de composições que não voltariam ao poemário. Uma pesquisa financiada pelo PIIC da URI, campus Frederico Wetphalen, sobre o processo editorial de *Espelho mágico*, desenvolvida por Vanderléia Skorek, sob nossa orientação, e com o título *Do Ibirapuitan à Província de São Pedro: suplemento à história literária de Mario Quintana*, tem alguns de seus resultados publicados em Mitidieri e Skorek, 2009 e 2011.

<sup>10</sup> Referido texto apresenta sumariamente os resultados da dissertação de mestrado da professora Gilda Bittencourt, defendida em 1983, e intitulada *Caminhos de Mario Quintana: a formação do poeta*.

I

BIRAPUITAN, além da matéria inédita do costume, publica mais duas dúzias das cento-e-quarenta-e-quatro quadras do Mário Quintana, pertencentes ao livro em preparo ‘Pátio dos Milagres’, e que vimos publicando sob o título provisório “De Rebus Pluribus”. Algumas dessas quadras já foram transcritas da nossa revista e distribuídas à imprensa nacional pelo boletim da U.J.B. (União Jornalística Brasileira).

O número VI de *Ibirapuitan*, correspondente a junho de 1939, noticiava que Mario Quintana havia recebido uma carta de Monteiro Lobato. Mais adiante, propagandeava o futuro lançamento do primeiro livro do poeta alegretense, anunciando para breve: “A RUA DOS CATAVENTOS. EDIÇÃO DA LIVRARIA DO GLOBO” (Coelho, VI, 1939: s/p). Também divulgava que *O Intelectual*, órgão oficial da Academia Literária Sul-Rio-grandense, em seu número comemorativo dedicado a Machado de Assis, referia-se desta forma ao periódico: “Ibirapuitan apresenta poesias de Mário Quintana, o grande poeta rio-grandense, e do poeta uruguaio Marcelino C. Pérez, além de trabalhos de Abreu Fialho, Hernáni C. Schmitt, Atila Casses, Juca Ruivo, Laci Osorio, Manoel del Rio, Adão Carrazzoni, Francisco Ribeiro e outros” (Coelho, VI, 1939: s/p).

Por fim, o periódico reproduzia a propagada missiva de Lobato ao lírico sul-rio-grandense (Coelho, VI, 1939: s/p; *italicos no original*):

### **Uma carta de Monteiro Lobato ao poeta Mario Quintana**

O brilhante escritor patricio, Monteiro Lobato, ao conhecer através desta revista algumas produções de Mario Quintana, deu um grito lá de S. Paulo.

E aqui está, na carta que publicamos abaixo, o entusiasmo que o consagrado literato paulista não pôde conter:

Prezado sr. Mario Quintana:

Não resisto ao prazer de lhe endereçar esta, de agradecimento pelo fino prazer mental que através da IBIRAPUITAN me têm proporcionado

seus versos. Que novidade eles representam no nosso *mare magnum* de poesias puramente sentimentais ou descritivas; sem uma sombra de idéia filosófica dentro! Cada conjunto de quatro versos seus constitui uma perfeita jóia de forma e de filosofia da mais alta qualidade — a que paira no Olimpo do “humour”. Tanto me têm encantado, que já despertei a atenção de meus amigos, e muitos andam com cópias a máquina no bolso. E os jornais da UJB também andam a espalhá-los pelo mundo.

Que coisa bonita o verdadeiro talento! Como vence, como se impõe — como se alastra por mais escondido que comece...

Queira, meu caro poeta-filósofo, aceitar a sinceríssima homenagem de minha enorme admiração.

Monteiro Lobato

P.S: Não tem já matéria desse gênero que dê para um livro? Se tem, é com prazer que me empenharei para que a Editora Nacional o lance com todas as honras.

A partir da edição número VII de *Ibirapuitan*, correspondente a julho de 1939, é que o título da coluna “De Rebus Pluribus” mudava para “Do Pátio dos Milagres”, assim conservado até o último volume. Em suas páginas, um jovem advogado que se assinava Homero de Entre-Rios somava-se ao pedido do escritor paulista: “Eu, apesar da minha falta de autoridade no assunto, quero com Lobato apelar para que inicies uma campanha de regeneração na nossa classe. Mario Quintana, edita um livro de tuas vivas composições literárias, para imortalizares a tua terra natal através da beleza dos teus poemas...” (Entre-Rios, 1939: 2).

O livro que solicitavam ao jovem alegretense estava quase pronto e o periódico dava continuidade à propaganda de seu poemário inaugural, a qual se iniciou declaradamente no número anterior. Assim, o volume VII também anunciava para “Breve: A Rua dos cataventos. Poemas de Mario Quintana” (Coelho, VII, 1939: s/p). A revista encerraria suas atividades nos números VIII e IX, de agosto e setembro de 1939, confiando no sucesso de um de seus mais importantes colaboradores e redatores. Foi assim que deram publicidade para (Coelho, VIII-IX, 1939: ?)

## A RUA DOS CATAVENTOS

MARIO QUINTANA, o poeta  
que todos admiram e louvam,  
breve nos dará o seu primeiro  
livro de versos:  
“A RUA DOS CATAVENTOS”  
35 poemas reunidos em fina e elegante edição.  
Os versos do poeta conterrâneo encantam  
pela originalidade dos temas, sempre desen-  
volvidos com beleza e suavidade.

Depois que o “anjo-poeta” lançou a público essa obra literária, “outros livros foram nascendo, cada qual com um título mais sonoro, mais poético, mais inspirado do que o outro” (Vassalo, 2005: 43). Em 1946, ele publicaria suas *Canções*; em 1948, o *Sapato florido*, composto por poemas em prosa. No ano de 1950, seria a vez d’*O aprendiz de feiticeiro*. Uma parte da crítica a sua obra, partindo das edições em livro, viu nela um critério de ordenação evolutiva. Por esse ângulo, embora *Canções* pudesse reafirmar seus temas prediletos, faria notar “uma modificação radical na expressão, emprestando-lhes, sobretudo, um andamento alegre e animado. O verso parece explodir, romper com toda regularidade, em busca deliberada de ritmo. Muitas vezes os poemas se constroem na sugestão de melodias populares, aproveitando delas versos inteiros mas lhes atribuindo, na realização, novo sentido (Carvalho, 2006: 38).

De modo semelhante, afirma Gilberto Mendonça Teles (1997: 21) que, ao longo da produção quintanesca,

pode o leitor ir acompanhando o afloramento da reflexão criadora na sua linguagem poética. De maneira tímida e ainda assistemática, em *A rua dos cataventos* (1940) e em *Canções* (1946); de maneira desinibida e quase sistemática, nos “poemas em prosa” de *Sapato florido* (1948), nos quartetos de *Espelho mágico* (1951) e nos poemas de *O aprendiz de*

feiticeiro (1950). Em 1962, Quintana reuniu esses cinco livros num único volume, com o título geral de Poesias. Mas, em 1973, um ano depois da segunda edição de Poesias, a Editora Globo lançou o Caderno H, série de textos que o poeta vinha publicando no Correio do Povo, em Porto Alegre. Estruturalmente, não se trata de outro livro, pois o Caderno H não passa de desdobramento ou de continuação de um livro como Sapato florido.

Ocorre que Mario Quintana, bem antes, desde junho de 1945 a setembro de 1946, contribuiu com a revista *Província de São Pedro*, na qual manteve uma coluna intitulada “Do Caderno H”. O exame a contribuições do poeta em outras seções e em outro período do magazine literário (1947 e 1951) indica que *O aprendiz de feiticeiro* estaria preparado para edição antes de *Sapato florido*. À época do lançamento desse livro, já atuante a chamada “Geração de 45”, não haveria tantas restrições à publicação de textos aos moldes clássicos, por exemplo, em quartetos filosóficos.

Conforme já visto, todas as composições desse tipo, que integrariam *Espelho mágico*, saíram da revista *Ibirapuitan*, em seus números de 1939, portanto, a firmar sua anterioridade frente a *Canções* (1946). No entanto, “Canção do meio do mundo” havia figurado, em sete quartetos, no volume II, ano I do mensário (1938). Depois publicada n’*A rua dos cataventos* como o soneto “XXIV” (Quintana, 1940: 99-101), com duas estrofes de quatro versos e duas de três, a composição reformulada faz desconfiar que as canções de Quintana fossem produzidas em simultâneo aos sonetos e quartetos.

O título alterado da coluna do periódico alegretense onde os quartetos circularam durante o ano de 1939 — “Do ‘Pátio dos Milagres” — daria nome à coletânea que o poeta lançaria em breve, mas

acabou não saindo na ocasião, e, quando surgiu, em 1948 [1951], Quintana suprimiu, modificou e ampliou muitas das composições originais divulgadas pelo periódico alegretense. Também o título foi mudado, e *Espelho Mágico* foi escolhido em razão de uma das quadras,

inspirada em Swift, conforme observa o próprio poeta ao final. A composição denominada “Da sátira” diz: “A sátira é um espelho: em sua face nua,/ Fielmente refletidas,/ Descobres, de uma em uma as caras conhecidas,/ E nunca vês a tua...” (Bittencourt, 2006: 48).

Em 1941, Manuel Bandeira convocou a “Canção de um Dia de Vento” e a “Cancão-Ballet” à antologia *Obras-primas da lírica brasileira*. Assim, a poesia de Quintana acendia uma vela para a vanguarda literária brasileira (o assim denominado “Modernismo”) e outra para a reação a tal estética, no caso, encarnada em Monteiro Lobato, como se sabe, opositor de primeira hora aos ditos “modernistas”. *A rua dos cataventos*, em tese, satisfaria mais ao gosto clássico, mas as canções que foram editadas antes dos quartetos de *Espelho mágico*, apenas publicados em livro no ano de 1951, demonstram certo despreendimento dos rigores da forma e uma inclinação à linguagem coloquial que as aproxima à dicção “modernista”. Entretanto, o poeta não parecia ligar a escolas, grupos, conexões, fato intuído pelo motivo que nunca o permitiu entrar para a Academia Brasileira de Letras: a resistência a fazer campanha em torno de seu nome junto aos membros dessa instituição.

O poemário formado por quartetos recebeu pouca consideração da crítica; o próprio Quintana o excluía de sua *Antologia poética*, de 1966. Entretanto, Paulo Becker (1996: 132) destaca a complexidade daqueles epigramas que, como afirma Ginzburg sobre os rastros, parecem singelos à primeira vista, mas assinalam “um primeiro momento de afirmação do humor dentro da obra de Quintana, que encontrará desdobramentos em suas obras posteriores em prosa (*Caderno H, A vaca e o hipogrifo, Da preguiça como método de trabalho e Porta giratória*). Nestas, o elemento humorístico se avoluma, constituindo uma espécie de chave-mestra para a apreensão serena do real”.

O conjunto quintanesco situado entre os anos de 1930 e 1950 desvela traços do impressionismo e do simbolismo, os quais também assinalam as produções iniciais de Augusto Meyer ou Erico Veríssimo, ajudando a indicar que, no estado do Rio Grande do Sul, o vanguardismo rotulado como modernismo brasileiro não teve força tão expressiva. É o que se de-

preende nem tão somente através de *Ibirapuitan*, mas também por meio de outras publicações periódicas, a exemplo da *Revista do Globo*, da *Província de São Pedro* e do jornal *Correio do Povo*, nas quais contribuíam muitos dos escritores que se organizavam em torno da editora Globo de Porto Alegre.

Quintana retoma em sua obra esse círculo de produção e leitura, seja pelas dedicatórias, seja por seres históricos que se tornam personagens dos poemas, nos quais a memória é um dos mais destacados elementos. Sem identificar-se com a estética vanguardista da literatura brasileira, sua rotulação como “neo-simbolista”, antes ressaltada neste trabalho, está menos próxima das vanguardas do século XX e mais associada a escritores do século XIX, como Charles Baudelaire, vinculação, aliás, destacada por Manuel del Rio em crônica que ocupara o número III, de março de 1938, do periódico *Ibirapuitan*.

O “anjo-poeta” então se associa ao circuito Ginzburg-Benjamin-Lotze no sentido de apelar à redenção do passado, já que, no Brasil, o Simbolismo não se identificava com a modernidade, tendo surgido no interior do Parnasianismo, em convivência nada conflitante. Assim como Quintana, autores do romance de 30, em grande maioria, representantes da região Nordeste brasileira, provam que, em nosso país, o assim denominado modernismo não teve repercussão instantânea, nem contou com número significativo de adeptos com reconhecida importância, a não ser nos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo, consistindo na verdade em uma espécie de regionalismo.

Ao cair no agrado de Monteiro Lobato, Quintana reforça sua posição, como produtor de quartetos epigramáticos e de sonetos, e como leitor da tradição clássica, ainda reafirmada pela tradução por ele realizada do escritor francês Jean-Pierre Claris de Florian, autor de fábulas. No entanto, ele não deixaria de absorver as expectativas da poesia moderna, incorporando o coloquialismo e a oralidade a uma dicção própria, que iria assinalar seu estro poético de forma mais contundente nos anos de 1950. Pouco antes, e após seis anos sem editar seus poemas em volume, lançava a público o livro *Canções*, quanto à forma, mais livre do que *A rua dos cataventos* (1940) e *Espelho mágico* (1951).

Esses dois últimos livros reúnem a maioria dos trabalhos de Quintana que, antes publicados em *Ibirapuitan*, haviam encontrado recepção favorável no Rio de Janeiro dos anos de 1930, conforme sinalizam alguns trechos das revistas cariocas *Pan* e *O Malho*, mencionados no periódico. Isso contribui para mostrar que, mesmo no eixo Rio-São Paulo, a vanguarda modernista não era unânime no gosto do público. No entanto, sua justa posição à nascente crítica universitária, que se robusteceria nas instituições fluminenses e paulistas, sem dúvida, influenciou na leitura literária da época. Tanto foi assim que, embora as publicações no periódico alegretense indicassem que o livro de sonetos *A rua dos cataventos* se faria suceder por *Espeelho mágico*, o escritor publicou *Canções* e não a coletânea de quartetos cuja prévia organização se entremostrava nos exemplares de 1939 da revista de sua terra natal.

Ao mesmo tempo em que se expandiam, os meios de comunicação de massa restringiam o espaço neles disponibilizados à literatura, compreendida em sentido estrito, e à crítica literária que, rotulada de impressionista, ia se encurralando nas universidades. Desse modo, a aparente simplicidade dos poemas de Quintana, oferecendo-se a leitura em magazines tais como *Ibirapuitan* e *Província de São Pedro*, fez com que caíssem no gosto popular antes de o poeta se inserir no cenário editorial e no cânone brasileiro, fato a ocorrer, não sem ressalvas e interdições, apenas na década de 1960.

Sintomáticos da variada produção do escritor sul-rio-grandense, os referidos periódicos, assim como outros que tinham circulado no mesmo período, acolhiam a convivência dos representantes de ideologias e estilos opostos. No caso específico de *Ibirapuitan*, ao contrário do que faria crer determinada organização dos poemas, pressuposta quando consideradas apenas as edições em livros, a produção de Quintana se revela sumamente desordenada e antes sincrônica do que diacrônica. A reconstrução de sua história editorial, cujo início possivelmente retroceda ao final da década de 1910, mas ora se antecipa em dois anos ao período inaugural demarcado pelas obras de história da literatura brasileira elencadas nesta investigação, como visto, modifica outros dados reiterados sistematicamente por falta de

manejo direto nas fontes, pelas repetições da crítica literária que, em boa parte do século XX, se fundamentou na autonomia absoluta do texto, bem como pelos vícios tautológicos de nossa tradição intelectual, muito adepta ao “saber de oitiva” (cf. Lima, 1981), mas não raro inapta à pesquisa, sobretudo, com fontes primárias.

O estudo aqui realizado, dentro de um recorte específico, encontra amparo nem tão somente na micro-história de Ginzburg, no conceito de rastro, trazido à tona igualmente por Paul Ricoeur, e em suas leituras comuns de Marc Bloch, mas também no Walter Benjamin que, em *Rua de mão única*, se volta para coleções de filatelistas, decifrações cabalísticas, explorações de arqueólogos, investigações detetivescas. Nessa rede, também cabe Ricardo Piglia (2000) quando compara a crítica literária com o gênero policial, devido à combinação de história, literatura e política, a partir de traços espalhados. Aliadas ao estudo intensivo do documento, tais características assinalam a metodologia dos micro-historiadores que sugere não desprezar sinais insignificantes. Vestígios fragmentários de *Ibirapuitan* então confirmam que a documentação mais produtiva é mesmo aquela mais improvável e, ao dialogarem criticamente com a história em distintas formas, levam o texto a se pluralizar, recompondo os pormenores desta micro-história literária.

## **Bibliografia**

- BECKER, Paulo. *Mario Quintana: as faces do feiticeiro*. Porto Alegre: EdUFRGS, 1996.
- BITTENCOURT, Gilda N. da Silva. “*Espelho mágico: gênese do verso curto e do humor em Mario Quintana*”. *Ciências & Letras*, Porto Alegre, vol. 39 (2006): 47-64.
- BLOCH, Marc. *Apologia da História, ou O Ofício de Historiador*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BORDINI, Maria da Glória (Org.). *Mario Quintana: o anjo da escada*. Porto Alegre: Telos Empreendimentos Culturais, 2006.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 36ª ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

- CARVALHAL, Tânia Franco. “Quintana, entre o sonhado e o vivido”. Instituto Estadual do Livro. *Mario Quintana: poeta, caminhante e sonhador*. Porto Alegre: IEL, 2006. 29-39.
- CASTRO, Néa. *Mario Quintana*. Porto Alegre: Tchê!, 1985.
- COELHO, Felisberto Soares (Dir.). *Ibirapuitan: Mensário de Sociedade, Literatura e Arte*. Alegrete (RS), 1938. 8 vols.
- *Ibirapuitan: Sociedade, Literatura e Arte*. Alegrete (RS), 1939. 7 vols.
- COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Trad. Cleonice Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- COUTINHO, Afrânio; Eduardo de Faria Coutinho (Orgs.). *A literatura no Brasil*. 7ª ed. São Paulo: Global, 2001. vol. 5.
- DEL RIO, Manoel. “Crônica XXII”. Dir. Felisberto Soares Coelho. *Ibirapuitan: Mensário de Sociedade, Literatura e Arte*. Alegrete (RS), nº III (1938): 4.
- DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. 3ª ed. Trad. Maria Beatriz M. N. da Silva. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- ENTRE-RIOS, Homero de. “A Mario Quintana”. Dir. Felisberto Soares Coelho. *Ibirapuitan: Sociedade, Literatura e Arte*. Alegrete (RS), nº VII, (1939): 2.
- FRANCHETTI, Paulo. “História literária: um gênero em crise”. *Semear: Revista da Cátedra Padre Antônio Vieira de Estudos Portugueses*, Rio de Janeiro, n. 7 (2002): 247-264.
- GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. Trad. Rosa Freire d’Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. (Edição italiana em 2006).
- *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. Trad. Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989 (Edição italiana em 1986).
- *Nenhuma ilha é uma ilha: quatro visões da literatura inglesa*. Trad. Samuel Titan Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. (Edição original em 2000).
- *Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. (Edição original em 1998).

- *Relações de força: história, retórica, prova*. Trad. Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2002 (Edição original em 2000).
- GOFF, Jacques Le. *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão [et al.]. Campinas, SP: EdUNESP, 2003.
- [IEL] INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO. *Mario Quintana: poeta, caminhante e sonhador*. Porto Alegre: IEL, 2006.
- LEVI, Giovanni. “Sobre a micro-história”. Burke, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: EdUNESP, 1992. 133-162.
- LIMA, Luiz Costa. *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.
- MITIDIERI-PEREIRA, André Luis. “Quintana em *Ibirapuitan*. Um suplemento à história e à crítica literárias”. *Brasil Brazil*, Porto Alegre/Providence, nº 34, ano 19 (2006): 81-96.
- MITIDIERI-PEREIRA, André Luis e Vanderléia SKOREK. “O Quintana que (quase) ninguém viu”. *Antares: Letras e Humanidades*, vol. 5 (2011): 210-227.
- “Mario Quintana, poeta de jornais”. *Literatura em Debate*, vol. 3 (2009): 91-98.
- NASCIMENTO, Evando. *Derrida e a literatura*. Rio de Janeiro: EdUFF, 2001.
- PIGLIA, Ricardo. *Crítica e ficção*. Buenos Aires: Seix Barral, 2000.
- QUINTANA, Mario. *Antologia poética: com poemas inéditos*. Sel. Paulo Mendes Campos e Rubem Braga. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 1966.
- *Espelho mágico*. Porto Alegre: Globo, 1951.
- *Poesias*. Porto Alegre: Globo, 1962.
- *A rua dos cataventos*. Porto Alegre: Globo, 1940.
- RICOEUR, Paul. “Arquivos, documento, rastro”. *Tempo e narrativa*. Campinas, SP: Papirus, 1994. 196-216.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Literatura Brasileira*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Graphia, 2002.
- TELES, Gilberto Mendonça. “Para uma poética de Mario Quintana”. Schmidt, Simone Pereira e Márcia Helena Saldanha Barbosa. *Mario Quintana*. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1997. 20-34.

VAINFAS, Ronaldo. *Os protagonistas anônimos da história: micro-história*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

VASSALO, Márcio. *Mario Quintana*. São Paulo: Moderna, 2005.

ZILBERMAN, Regina. *Mario Quintana*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

— “Minha teoria das edições humanas: *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e a poética de Machado de Assis”. Zilberman, Regina *et al.* *As pedras e o arco: fontes primárias, teoria e história da literatura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004. 19-117.

### **Nota curricular**

Prof. Dr. André Luis Mitidieri. Graduado em Letras e História. Professor de literaturas hispânicas na Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC-Bahia). Docente efetivo de História e Literatura no Mestrado em Línguas e Representações da UESC. Docente colaborador no Mestrado em Literatura Comparada da URI-FW. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5629822206205508/>.

### **Contacto**

Departamento de Letras e Artes. Área de Língua Estrangeira/Espanhol. Universidade Estadual de Santa Cruz. BR-415, Rodovia Ilhéus/Itabuna, km 16. Ilhéus (BA) - Brasil - CEP 45562-000; mitidierister@gmail.com

